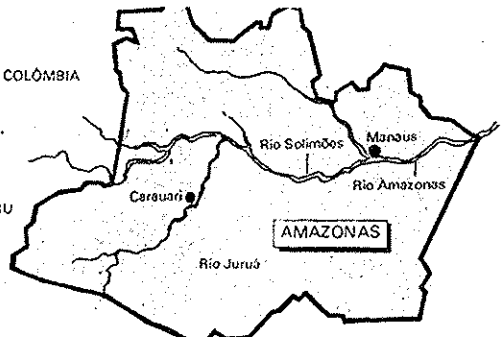


Seringueiro faz x para extrair democracia

VITOR HUGO LOUZADO
Enviado Especial

Carauri (AM) — Longe demais das capitais e sem sequer sonhar com comodidades oferecidas nos centros urbanos, os seringueiros — que ainda vivem no século passado — vão às urnas escolher o Presidente pela primeira vez.



Morando nas margens dos rios, em choupanas de palha e repletos de filhos, são semianalfabetos e viajam até 56 horas em barcos **Recreio** (também conhecidos como **Gaiolas** em outras regiões do País) ou a remo para chegar à cidade. Comendo farinha e peixe, quando não recebem alimentação comprada pelos políticos locais e prefeituras, suportam o trajeto em embarcações abarrotadas de gente, sob um calor de 36 graus e mais de 90 por cento de umidade relativa do ar, dormindo sentados, deixando as redes para mulheres e crianças. Tudo isso para marcar na cédula eleitoral um X onde o dono do seringal mandar.

Imaginar que essa gente tem alguma preferência por qualquer candidato é, no mínimo, um equívoco. Sem rádio ou televisão, jamais ouviram ou viram a propaganda eleitoral. Também nenhum presidenciável se dispôs, até agora a visitar cidades como Carauri, perdida no meio da floresta amazônica, quase a sete dias de barco de Manaus, para buscar 0,08 por cento dos votos necessários para se eleger.

O drama deste eleitor já começa na retirada do título. Para obter o documento, Maria Riselda Matos Lima, 20 anos, remou com o marido Edmundo durante um dia, rio Juruá abaixo, entre o seringal Independência e a sede do município. O percurso será repetido em 15 de novembro. Mas provavelmente não o farão para o segundo turno, pois "nunca vi falá disso, dotô", conta Maria Riselda.

Sem saber em quem votar, ela garante ter tirado o título mais como um documento de identidade, já que "só tenho a certidão de nascimento". De qualquer forma, estuda a possibilidade de colaborar com o candidato do governador Amazonino Mendes, do PDC, Fernando Collor de Mello (PRN). "O Amazonino baixô aqui faz alguns meses com o Paizé Pinheiro (José Pinheiro Alves Filho, ex-prefeito de Carauri) e promete casa para todo mundo do seringal que ainda não tivesse onde morá".

Casada há um ano com Edmundo, "não lembro o resto do nome dele não senhô", Maria Riselda passa o dia cuidando dos filhos e da casa. Analfabeta, se alguma vez ouviu rádio e prestou atenção na televisão foi em Carauri, onde os dois aparecem praticamente uma vez por mês para resolver problemas e comprar comida. A alimentação básica da família (três crianças, além do casal) é farinha e peixe pescado nas imediações, e nunca sonharam em adquirir um fogão a gás. Não plantam e tampouco criam coisa alguma. "Tentei cuidá de galinha, mais acabaram roubando tudo, dotô", justifica ela.

Pouco mais instruído, porém

morando quase nas mesmas condições, vivem Francisco Alves de Lima, 45 anos, e Maria Lúcia Printes Peres, 49 anos. Seringueiros também, e ganhando cerca de NCz\$ 500,00 por mês, são beneficiados pela distância das urnas onde votam. Pelo menos a princípio, Eliseu — como Francisco se autotatizou — acredita ter transferido seu domicílio eleitoral e o da mulher de Juruá (ou Caitaú), a dois dias embarcado do lugarejo chamado Curimatá, onde mora, para Carauri, seis horas de canoa rio acima.

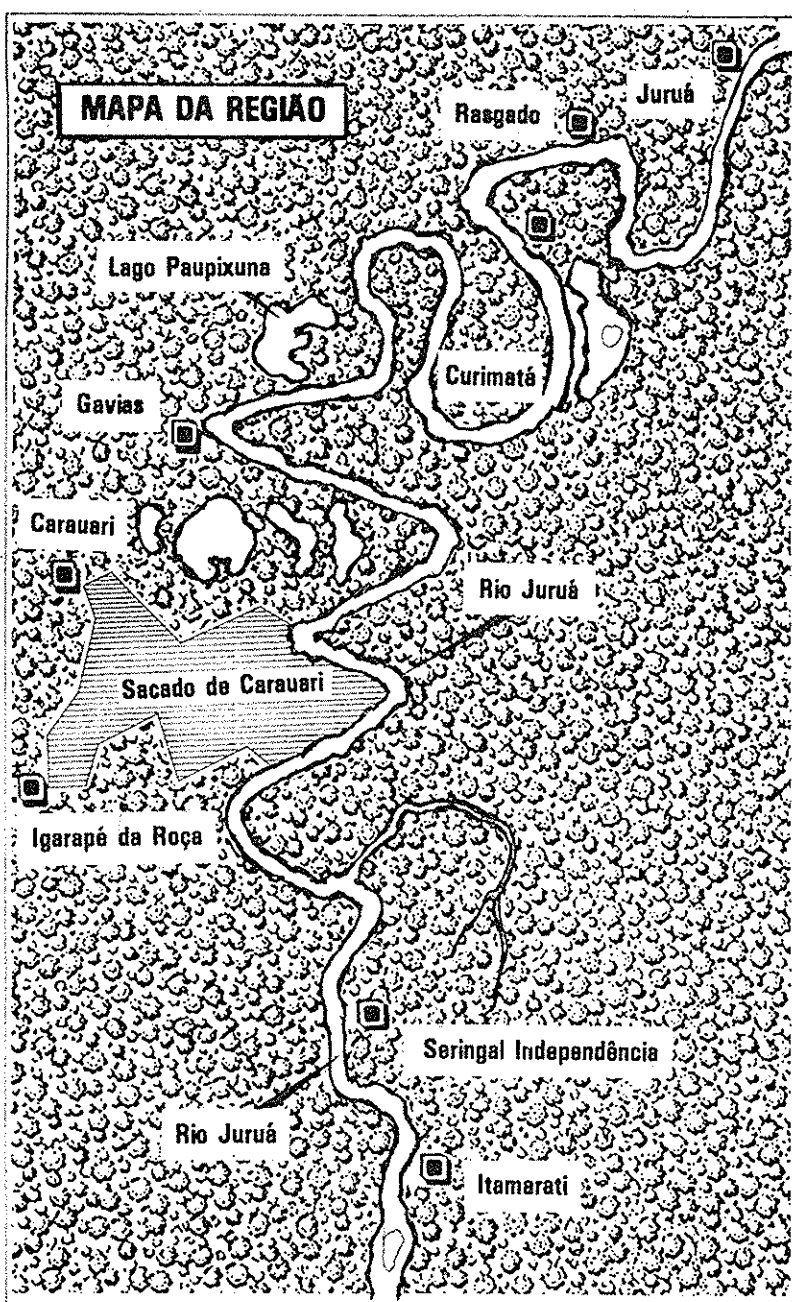
Mas o azar parece perseguir Eliseu, que subiu o rio na tentativa de subir na vida, sem sucesso. Os documentos não foram transferidos, informou o juiz Adair Rebelo, 48 anos. Agora, tanto o seringueiro como a mulher farão uma viagem inútil de 12 horas para pegar o documento e ainda terão mais dois dias embarcados até Caitaú, se resistirem à aventura, porque Eliseu está com pneumonia e até parou de trabalhar por causa da doença.

Da mesma forma que Maria Riselda, o casal sequer definiu as preferências — até por desconhecer os presidenciáveis —, pois onde moram inexistem luz elétrica ou rádio a pilha. Porém, isso pouco importa, conta rindo a despachada Maria Lúcia: "Quando a gente chega na cidade, o Nonato (Raimundo Nonato Litaiff, comprador de borracha e prefeito da localidade) já vai dizendo em quem se deve marcar a cruz".

Percursos distantes, entretanto, nunca serão problema para o seringueiro Raimundo Pereira, 58 anos. Para participar destas eleições, ele deverá andar mais de 48 horas em um barco só para chegar na sua seção. Raimundo aliás, é o eleitor que dá mais trabalho à Justiça Eleitoral, pois é o que mora mais distante da sede do município.

Sem viver este drama, o peão, como faz questão de ser chamado, Elyno Alvez de Moraes, 38 anos e oito filhos, prefere se apresentar como "indefinido". Livre do jugo patronal, Macaco — apelido herdado faz mais de dois anos, quando caçava — tem de subir o Juruá por três horas numa canoa a motor para chagar à urna, ou seguir por uma rota alternativa e mais usada: andar embarcado por 45 minutos até Porto Gavião (estação da Petrobrás) e dali ir a pé por mais nove quilômetros, podendo ter a chance de conseguir uma carona num dos raros veículos que passam pela estrada esburacada, embora asfaltada.

Macaco conseguiu a alforria eleitoral há três anos, quando resolveu deixar de recolher o leite da seringueira para ocupar um posto de peão numa empresa contratada pela Petrobrás. Hoje, acostumado com a vida moderna, que lhe deu até televisão, jura jamais voltar à antiga profissão.



FOTOS: JULIO FERNANDES



Após uma epopéia na selva, Maria Riselda recebe título do juiz



Vivendo como se vivia no século passado, o seringueiro tem de remar até três dias para encontrar uma urna e votar. Votar em quem não conhece

Petrobrás cuidará das urnas

Superar a diferença de horário entre a Região Norte e o resto do Brasil não é difícil, desde que se conte com o apoio de aviões ou helicópteros. Assim, ao contrário do resto do País, o horário de votação em Carauri, Itamarati e Juruá, está fixado entre 8h e 15h (horário local), ou 10h e 17h em Brasília. Com o empréstimo dos helicópteros contratados pela Petrobrás, o juiz Adair Rebelo espera ter em seu poder, até as 16h30, os votos de Carauri e Juruá (distantes 45 minutos de voo), estando em eles apurados até a meia-noite — 2h na Capital Federal. As urnas de Itamarati com o mesmo tempo de voo serão recolhidas apenas no dia seguinte. Isso porque o adiantado da hora e a floresta dificultam as viagens noturnas. Para estas eleições, Rebelo conta com 240 voluntários.

Como se não bastasse toda essa operação, o juiz e seus ajudantes terão de enfrentar ainda os homônimos, "que não são poucos", acrescenta. Só numa família, existem cinco Raimundos Nonatos Ferreira de Souza, sendo dois deles eleitores. "O pai, Raimundo Nonato é devoto de São Raimundo, justificou a escolha dos nomes como sendo o pagamento de uma promessa", comentou Rebelo. Mas não está afastada a hipótese de ser uma homenagem ao proprietário de seringal, Raimundo No-

nato Litaiff, bastante conhecido na região. A solução, raciocina Adair Rebelo, foi recadastrar o pessoal controlando a data de nascimento para evitar "confusão".

As coincidências não páram aí. Tem ainda a Antônia Gomes de Lima, 47 anos, e o Antônio Gomes de Lima, 67. O Manoel Selestino da Silva, nascido em 9 de agosto de 1925, e o Manoel Selestino da Silva, de 15 de novembro de 1945.

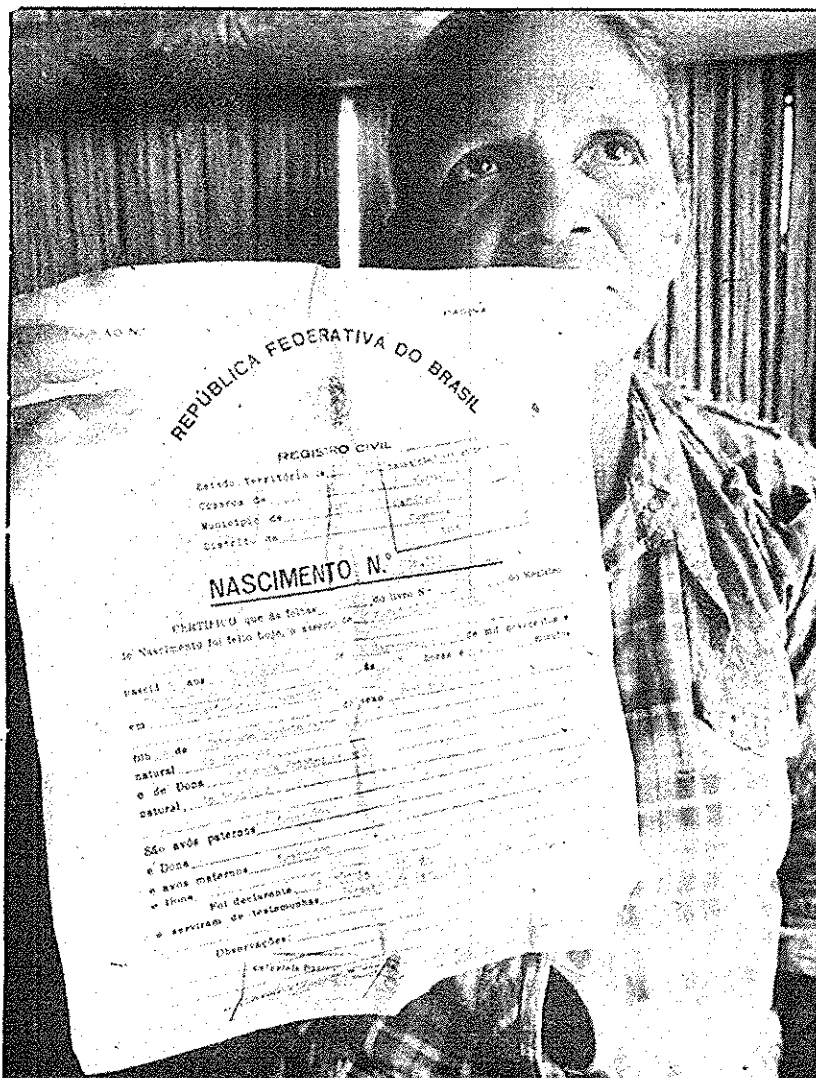
Barbaridades na hora da apuração sempre aparecem, principalmente devido à ignorância da população.

CACHORRO VOADOR

As dificuldades de Adair Rebelo, na verdade, começaram bem antes dos trabalhos preparativos de distribuição de cédulas eleitorais e treinamento do pessoal que irá trabalhar em 15 de novembro e 17 de dezembro, com o recadastramento de eleitores. "Tivemos que utilizar até helicóptero cedido pela Petrobrás para chegar em algumas localidades", lembra o juiz.

Numa destas viagens, "estava acompanhado por um carioca que veio a Amazônia pela primeira vez e, atento ao serviço estranho quando ouviu o canto do socó, semelhante ao latido de cachorro, e disparou: "Rebelo, aqui até cachorro voa?"

Pôr o pé na estrada é navegar, em Carauri



Maria Lúcia viajou dias e não conseguiu transferir seu título

Sem zona rural, apenas seringa e pequenos vilarejos, Carauri não tem estradas para o interior do município. Os únicos acessos à cidade são por avião, uma vez por semana, entre terça e sexta-feira, ou por barcos, sendo que os de maior porte são fretados durante o período eleitoral. Nesta época, lembra o barqueiro Antônio Lopes Oliveira, 43 anos, "os barcos vêm tão cheios que os passageiros que estão na parte da frente não conseguem sequer chegar aos banheiros, localizados no final da embarcação". E caso alguém fique "apertado" nestas horas, conta rindo, "não tem outro jeito senão o de chegar pra borda do barco e se aliviar por ali mesmo".

Parafuso, como Antônio é chamado pelos moradores, diz que os homens dão preferência às mulheres e crianças nas redes, dormindo geralmente sentados, em qualquer canto vazio. "Para passar o tempo, o povo vem olhando o terreno, conversando sobre tudo e comendo". Em um percurso médio de 24 horas, entre o vilarejo Dcus é Pai até a cidade, por exemplo, gasta-se um saco de farinha, meio de arroz e 45 tampaquis para abastecer os estômagos de 30 viajantes.

O custo do trajeto, esclarece Parafuso, é coberto principalmente por candidatos a vereador ou à prefeitura. "Em 88, fui contratado pelo vereador Silvestre

Freitas. Ele pagou o combustível e ainda me deixou pescar na sua granja".

Ele chegou na cidade em 1985, para trabalhar como gerente de uma locadora de veículos, prestadora de serviços à Petrobrás. Acabou ficando, e hoje ainda freta carros, porém por conta própria. Tem ainda um posto de lavagem de carros e o Encrenquinha, um barco com 14 metros de comprimento por 3,20 de largura. A embarcação pesa 10 toneladas e possui um motor de 44 HPs, com capacidade para 30 pessoas.

Aventureiro, Parafuso ainda apostou firme na cidade, mesmo depois de ter deixado o emprego na "contratada". Além do "Encrenquinha", chegou a comprar outro quase do mesmo porte, "mas acabou ficando difícil administrar o negócio e terminei vendendo pra não sair perdendo dinheiro", confessou. Agora, os poucos problemas que lhe resta são administrar o patrimônio e arriscar a sorte numa pescaria de pagamento pelo transporte de eleitores, como aconteceu com um colega que, numa dia chegou a pescar cerca de 400 tampaquis (cada um pesando mais de 10 quilos) para ser negociado em outras localidades próximas.

A prática do aliciamento de eleitores é bastante comum na região, conta o vice-prefeito Mi-berlau Jucá.